TEOCON
REVISTA TEOLOGIA CONTEXTUAL

DOI: 10.59771/teocon.2025v1.e025014

Igreja, cultura e reforma: a tradução do evangelho na encruzilhada angolana entre o legado reformado e a identidade africana

Church, Culture and Reformation: the translation of the Gospel at the angolan crossroads between the reformed legacy and african identity

João André Florentino[1]

https://orcid.org/0000-0003-2539-8505

Resumo: Este artigo examina a tensão entre o legado reformado europeu e as tradições culturais africanas no contexto da igreja angolana contemporânea. Com base em uma abordagem teológica contextual, propõe-se uma hermenêutica de inculturação que favoreça a integração entre a fé cristã e a identidade cultural local. O objetivo é superar a imposição de modelos eclesiológicos eurocêntricos e promover uma vivência cristã autêntica e relevante para o contexto africano. A discussão aborda o etnocentrismo teológico herdado da missão colonial, a traducibilidade do cristianismo — entendida como sua capacidade de ser expressa em diversas culturas — e a mundialidade da fé, que reconhece a legitimidade de múltiplas formas de viver o Evangelho. À partir dessas reflexões, o texto defende a construção de uma eclesiologia africana que una fidelidade bíblica e valorização das expressões culturais locais, contribuindo para uma igreja angolana mais encarnada, plural e comprometida com sua história, identidade e vocação no mundo.

Palavras-chave: Inculturação; Teologia Africana Reformada; Cristianismo; Etnocentrismo; Angola.

Abstract: This article examines the tension between the European Reformed legacy and African cultural traditions within the context of the contemporary Angolan church. Drawing on a contextual theological approach, it proposes a hermeneutic of inculturation that encourages the integration of Christian faith with local cultural identity. The aim is to overcome the imposition of Eurocentric ecclesiological models and to promote an authentic and relevant Christian experience within the African context. The discussion addresses the theological ethnocentrism inherited from colonial missions, the translatability of Christianity—understood as its ability to be expressed in diverse cultures—and the global nature of the faith, which recognizes the legitimacy of multiple ways of living the Gospel. Based on these reflections, the text advocates for the development of an African ecclesiology that combines biblical fidelity with

[1] Mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA), e-mail: joaoandreflorentino@gmail.com

an appreciation for local cultural expressions, contributing to a more incarnational, plural, and contextually engaged Angolan church.

Keywords: Inculturation; African Theology Reformation; Christianity; Ethnocentrism; Angola.

Introdução

A motivação que orientou a elaboração deste artigo surgiu daquilo que denominei, ao longo do processo de escrita, de "a encruzilhada teológica da igreja angolana: entre o legado reformado e as tradições africanas". A igreja angolana contemporânea, especialmente no período pós-missionário, enfrenta um dos maiores desafios teológicos e pastorais de sua história: a articulação entre o legado reformado europeu – oriundo da missão protestante – e as tradições culturais africanas, que constituem o âmago da identidade de muitos povos angolanos. Esse impasse não se reduz a uma questão doutrinária, mas demanda uma reflexão holística, capaz de integrar as dimensões espirituais, sociais e históricas da fé cristã em solo africano.

O legado reformado trouxe contribuições inegáveis, como a centralidade das Escrituras (sola Scriptura), o valor da racionalidade teológica e a organização eclesiástica. No entanto, sua implantação frequentemente ignorou os elementos culturais locais, criando uma tensão estrutural entre a fé ensinada e os valores ancestrais vividos. Diante disso, a teologia africana propõe um caminho de inculturação, ou seja, de um Evangelho encarnado na realidade africana, capaz de dialogar com as cosmovisões e tradições do povo. Como afirma Bujo (1997, p. 45), "a revelação de Deus não se limita à Escritura. Ela se manifesta também na história, nos povos, na cultura".

Essa hermenêutica da inculturação pressupõe não apenas fidelidade às Escrituras, mas também reconhecimento da dignidade das culturas locais. Stott (2000, p. 314) lembra que "o Evangelho não está preso a uma cultura, mas é transformador de culturas", o que aponta para a necessidade de uma reconciliação entre fé recebida e experiência vivida. Do mesmo modo, Nyamiti (2005, p. 23) ressalta que "a evangelização deve tornar-se inculturação", isto é, inserção da mensagem cristã nas culturas vivas dos povos, de forma que a fé se expresse através de suas linguagens e símbolos próprios.

O cristão angolano contemporâneo vive, assim, em uma tensão criativa, buscando uma fé que una o Evangelho cristão à sabedoria ancestral africana. Este esforço não é apenas teórico, mas existencial e eclesial, implicando discernimento espiritual, escuta e abertura ao Espírito. A tradição africana, com sua valorização da coletividade, da ancestralidade e da integração entre o espiritual e o cotidiano, não deve ser vista como obstáculo, mas como solo fértil para a vivência do Evangelho (Bujo, 2003, p. 77).

Nesse horizonte, a igreja angolana deseja uma fé que não funcione como espelho europeu, mas como expressão autêntica de sua trajetória. A imagem bíblica da

encarnação (Jo 1, 14) inspira esse processo: o Verbo se faz carne em cada cultura. Para Bediako (1995, p. 229), "a recepção africana do cristianismo não pode ser uma mera repetição da tradição ocidental, mas uma resposta autêntica enraizada na experiência africana".

Por isso, a proposta deste artigo é investigar de que forma a igreja angolana pode reinterpretar criativamente o legado reformado à luz das tradições culturais africanas, por meio de uma hermenêutica teológica de inculturação. O objetivo é contribuir para o desenvolvimento de uma eclesiologia africana autêntica, simultaneamente fiel ao Evangelho e enraizada na identidade cultural local – expressão viva da catolicidade do Reino de Deus, que se manifesta "em toda tribo, língua, povo e nação" (Ap 5, 9).

A Tensão Entre Tradição Reformada e Sabedoria Ancestral

O protestantismo reformado, introduzido em diversas regiões da África por meio de missões europeias, trouxe consigo contribuições teológicas significativas. Entre elas, destacam-se a centralidade das Escrituras (sola Scriptura), a valorização da racionalidade teológica, a organização institucional e o investimento na formação de lideranças comprometidas com uma fé bíblica e intelectualizada. Essas características fortaleceram aspectos estruturais da igreja, promoveram o acesso à leitura da Bíblia e fomentaram a reflexão sistemática da fé (Tiénou, 1990, p. 83).

Entretanto, ao ser transplantada para o contexto africano, essa tradição reformada foi, muitas vezes, aplicada sem o devido diálogo com a realidade cultural e espiritual dos povos locais. O resultado foi uma fé descontextualizada, por vezes rígida e distante da vida cotidiana das comunidades, funcionando como um espelho europeu que impunha práticas litúrgicas, estruturas eclesiásticas e categorias teológicas estranhas à cosmovisão africana (Mbiti, 1971, p. 236). Em vez de encarnar o Evangelho nas culturas africanas, muitas missões buscaram adaptar os povos ao modelo europeu de igreja, desvalorizando suas práticas, símbolos e linguagens.

Nesse cenário, surge uma tensão fundamental entre a tradição reformada recebida e a sabedoria ancestral africana, ainda viva nas práticas, mitos, ritos e expressões coletivas das comunidades. A espiritualidade africana tradicional compreende o ser humano como parte integrada de uma rede de relações que abrange os vivos, os ancestrais, os espíritos e a natureza. A fé, portanto, não é apenas uma adesão racional a proposições doutrinárias, mas uma vivência relacional, coletiva e profundamente encarnada no cotidiano (Turaki, 1999, p. 114).

É justamente essa dimensão que foi, em grande medida, ignorada ou reprimida pelas estruturas herdadas da missão reformada. Como observa Bénézet Bujo, "a revelação de Deus não se limita à Escritura. Ela se manifesta também na história, nos povos, na cultura" (Bujo, 1997, p. 45). Essa afirmação convoca a teologia africana a uma tarefa urgente de reconciliação, em que a ortodoxia doutrinária herdada possa dialogar

com a espiritualidade cotidiana africana, reconhecendo nas tradições ancestrais não apenas vestígios religiosos, mas expressões legítimas de busca por transcendência e de organização simbólica da vida.

A superação dessa tensão não se dá por rejeição de um polo em favor de outro, mas por um esforço hermenêutico que permita à fé cristã enraizar-se nas culturas africanas sem perder sua identidade evangélica. Como defende Kwame Bediako, o cristianismo só se torna verdadeiramente africano quando "a fé é vivida e expressa nas categorias culturais e linguísticas próprias dos povos africanos" (Bediako, 1995, p. 229). Trata-se, portanto, de uma reconstrução eclesial e teológica que valorize tanto a herança reformada quanto a riqueza das sabedorias locais.

Neste processo, a espiritualidade africana tradicional, longe de ser um obstáculo à fé cristã, revela-se como um campo fecundo para a inculturação do Evangelho. Sua ênfase na comunidade, no respeito aos ancestrais, na sacralidade da vida e na oralidade ritualizada pode enriquecer profundamente a experiência de fé, desde que integrada criticamente à luz do Evangelho (Shorter, 1988, p. 111). A tensão entre a tradição reformada e a sabedoria ancestral, portanto, não é um problema a ser eliminado, mas uma oportunidade teológica a ser assumida como parte da vocação encarnacional do cristianismo em solo africano.

Etnocentrismo Teológico e Colonialidade da Fé

O processo colonial, para além da dominação territorial e econômica, estabeleceu uma hegemonia simbólica e espiritual que impactou profundamente a forma como o cristianismo foi implantado em solo africano. A fé cristã chegou ao continente africano embutida nas categorias culturais, epistemológicas e institucionais do Ocidente, sendo apresentada como a única expressão legítima da revelação divina. Em consequência, práticas religiosas africanas, sistemas de pensamento nativos e cosmovisões ancestrais foram deslegitimadas, rotuladas como pagãs, supersticiosas ou incompatíveis com a "verdadeira" fé cristã (Mudimbe, 1988, p. 88). O resultado foi o apagamento de saberes locais e a imposição de um cristianismo eurocentrado que persiste, até hoje, em muitas estruturas eclesiásticas e acadêmicas.

Esse fenômeno é descrito por diversos teólogos africanos como etnocentrismo teológico – a identificação do conteúdo do Evangelho com uma forma cultural específica, neste caso, a cultura ocidental moderna. Tal postura, longe de ser neutra, opera como instrumento de exclusão e silenciamento de outras expressões legítimas da fé cristã, reproduzindo o que se pode chamar de *colonialidade da fé*. Como argumenta Maldonado-Torres (2007, p. 262), a colonialidade não termina com o fim formal do colonialismo, mas permanece nas estruturas de conhecimento, nas instituições religiosas e nas formas de produção teológica.

Nesse sentido, Sanneh (2003, p. 26) observa com lucidez que o problema não

reside na fidelidade do cristianismo ao Evangelho, mas na confusão que se estabeleceu entre este e os modos culturais europeus que o transportaram. O erro, portanto, foi menos teológico e mais cultural: "o cristianismo transgrediu não por sua mensagem, mas por ter confundido a fé com os seus modos culturais ocidentais". Esse deslocamento provocou uma espécie de uniformização da fé, tornando-a dependente das formas europeias de culto, linguagem, liderança e organização eclesial.

Diante desse quadro, torna-se urgente promover uma descentralização teológica e epistemológica. Isso implica o reconhecimento de que o cristianismo não pertence a uma cultura específica, mas é uma fé traduzível, capaz de ser encarnada em diferentes contextos culturais sem perder sua essência (Walls, 1996, p. 7). A tradução da fé, neste caso, não é mera adaptação superficial, mas processo profundo de inculturação, no qual as categorias culturais africanas são reabilitadas como canais legítimos para a expressão e vivência do Evangelho.

Como enfatiza Tiénou (1990, p. 89), "a teologia africana deve emergir das experiências históricas e culturais dos africanos, e não apenas reproduzir os modelos recebidos do Ocidente". Essa tarefa exige não apenas a inclusão de vozes africanas no debate teológico global, mas também a afirmação da legitimidade das epistemologias africanas como fontes de reflexão cristã. Trata-se de romper com o monopólio hermenêutico da teologia ocidental e reconhecer, como destaca Bediako (1995, p. 226), que "a fé cristã precisa ser repensada à luz da experiência africana, e não apenas reensinada por paradigmas herdados".

A superação do etnocentrismo teológico e da colonialidade da fé é, portanto, condição necessária para uma teologia mais justa, plural e realmente católica — no sentido de uma fé que se encarna em todas as culturas, respeitando suas particularidades e potencialidades.

A Traducibilidade do Cristianismo como Fundamento de Universalidade

A tradição cristã, desde seus primórdios, revelou uma notável capacidade de adaptação e tradução intercultural. Esse traço distintivo do cristianismo é reconhecido como um dos fatores que explicam sua expansão e vitalidade ao longo dos séculos. O cristianismo não está preso a uma língua, cultura ou estrutura social específica; ao contrário, ele se manifesta como uma fé que pode ser traduzida sem perder sua essência. Andrew Walls, em sua análise sobre a história da missão cristã, afirma que "a tradução é a marca de nascença da Igreja" (Walls, 1996, p. 26). Tal afirmação remete ao próprio evento fundacional do Pentecostes, no qual cada pessoa ouve a proclamação do Evangelho "em sua própria língua" (At 2, 6). Esse episódio simboliza não apenas a abertura linguística da fé, mas sua vocação universal.

A traducibilidade do cristianismo, portanto, não é uma concessão à diversidade, mas um de seus fundamentos teológicos mais profundos. Ela legitima a pluralidade

de expressões cristãs, reconhecendo que o Evangelho pode ser fielmente vivido e comunicado em diferentes idiomas, ritmos, símbolos e cosmovisões (Sanneh, 1989, p. 51). A universalidade cristã, nesse sentido, não se expressa pela uniformidade, mas pela capacidade de se encarnar nas particularidades culturais de cada povo.

Contudo, essa riqueza é constantemente ameaçada por formas teológicas que continuam a privilegiar modelos euro-americanos como paradigmas universais da fé cristã. Esse reducionismo teológico ignora ou marginaliza experiências oriundas do Sul Global, especialmente da África, Ásia e América Latina, tratando-as como meramente locais ou "exóticas", e não como contribuições legítimas à compreensão global da fé (Bediako, 1995, p. 229). A imposição de estruturas litúrgicas, doutrinárias e institucionais herdadas do Ocidente muitas vezes sufoca a criatividade teológica e espiritual das igrejas locais, impedindo o florescimento de expressões contextualizadas do cristianismo.

Nesse contexto, a teologia africana, por exemplo, reivindica o direito de pensar o cristianismo à partir de sua própria matriz cultural, espiritual e histórica. Kwame Bediako argumenta que "a traducibilidade do cristianismo torna possível que ele seja verdadeiramente africano e verdadeiramente cristão ao mesmo tempo" (Bediako, 1995, p. 235). Essa afirmação rompe com a ideia de que há um "cristianismo puro" que deve ser preservado em oposição às adaptações culturais. Ao contrário, sugere que o Evangelho atinge sua plenitude precisamente quando é traduzido com fidelidade e profundidade em cada cultura.

Portanto, reconhecer a traducibilidade do cristianismo não é apenas aceitar a diversidade como uma realidade sociológica inevitável, mas afirmar teologicamente que a universalidade da fé cristã se realiza por meio da pluralidade. Trata-se de reafirmar que o Evangelho, ao ser proclamado "em cada língua", continua a se encarnar nas histórias, lutas, esperanças e linguagens de todos os povos, sem privilégio cultural ou epistemológico.

Fé Reformada e Cultura em Angola: Possibilidades de Inculturação

No contexto angolano, a inculturação do cristianismo reformado não é apenas uma opção teológica, mas uma exigência pastoral e espiritual. A vivência cristã de muitos fiéis em Angola revela o desejo profundo de uma fé que dialogue com sua identidade cultural, suas linguagens simbólicas e formas tradicionais de espiritualidade. Para grande parte da população cristã, especialmente nas igrejas protestantes, há uma busca por expressar o Evangelho em harmonia com a oralidade, a musicalidade, a coletividade e a reverência aos ancestrais – elementos centrais da cosmovisão africana (Bujo, 1997, p. 49).

A tradição reformada, com sua ênfase histórica na sobriedade litúrgica, na centralidade da pregação e na racionalidade teológica, nem sempre se mostrou aberta

à riqueza sensível e comunitária das culturas africanas. No entanto, como enfatiza Bediako (1995, p. 234), não há contradição necessária entre fidelidade ao Evangelho e valorização da cultura local: "é possível ser autenticamente africano e autenticamente cristão". Isso abre espaço para reinterpretações criativas do culto reformado, em que a música tradicional, a dança, as línguas nativas e os rituais comunitários possam assumir lugar de mediação simbólica da presença de Deus, sem que se comprometa o conteúdo da fé cristã.

Charles Nyamiti (2006, p. 19) define inculturação como a "inserção da mensagem cristã nas culturas vivas dos povos". Essa definição indica que o processo não consiste em uma simples adaptação estética, mas em um movimento profundo de diálogo e inserção mútua, onde os valores e símbolos locais são acolhidos como canais legítimos da revelação. Trata-se, portanto, de superar uma teologia normativa centrada em modelos estrangeiros, abrindo caminho para uma teologia africana que interprete o Evangelho à luz da experiência do povo.

Em Angola, esse esforço de inculturação se traduz em iniciativas litúrgicas e pastorais que buscam ressignificar a prática cristã em diálogo com a cultura local. As igrejas que se abrem a esse caminho tendem a ter maior ressonância com as comunidades, pois reconhecem que a espiritualidade africana oferece elementos de profundo valor teológico: a centralidade da vida comunitária, a sacralidade da palavra falada, a relação com os ancestrais e a visão integrada entre natureza e espiritualidade (Mbiti, 1971, p. 260).

Além disso, o uso de línguas locais nos cultos e na pregação, a incorporação de narrativas orais e expressões artísticas tradicionais são formas de tornar o Evangelho mais próximo e compreensível à realidade cotidiana dos fiéis. Isso não significa relativizar a mensagem cristã, mas reafirmar sua universalidade por meio da particularidade cultural, como enfatiza Walls (1996, p. 27), ao afirmar que "a catolicidade da Igreja se expressa na sua capacidade de se enraizar em diferentes culturas".

Nesse sentido, a inculturação em Angola representa uma via de reconciliação entre o legado reformado e a sabedoria ancestral africana. Ela permite que a fé reformada não seja percebida como uma imposição cultural externa, mas como um caminho de encontro com Deus que respeita, honra e valoriza a história, a linguagem e os símbolos do povo angolano. É nesse processo que a Igreja pode verdadeiramente florescer como uma comunidade encarnada e profética, enraizada no Evangelho e no coração de sua cultura.

A Mundialidade do Cristianismo e o Papel da Igreja Angolana

Nas últimas décadas, o centro gravitacional do cristianismo tem se deslocado progressivamente do Ocidente para o chamado Sul Global. Hoje, a maioria dos cristãos vive na África, América Latina e Ásia, regiões onde a fé cristã tem crescido de forma

significativa, tanto em números quanto em expressividade litúrgica, vitalidade espiritual e engajamento comunitário (Jenkins, 2002, p. 3). Esse deslocamento geográfico desafia as formas tradicionais de produção teológica, historicamente concentradas na Europa e América do Norte, e convida à reconfiguração dos critérios de legitimidade teológica.

Nesse cenário, a igreja angolana emerge como um ator potencialmente relevante na construção da teologia mundial. Suas experiências de fé, moldadas por séculos de resistência cultural, lutas por identidade e reconstrução social, oferecem contribuições únicas à compreensão do Evangelho. A fé cristã, vivida no contexto angolano, manifesta-se de forma profundamente encarnada nas práticas comunitárias, nas expressões culturais e nos desafios concretos do povo. É a partir dessas experiências que a igreja angolana pode contribuir ativamente para a teologia global, não como mera receptora de modelos importados, mas como produtora de saber teológico situado (Sanneh, 2003, p. 68).

A mundialidade do cristianismo – isto é, sua presença efetiva em múltiplas culturas e sociedades – exige o reconhecimento de uma teologia polifônica. A unidade da fé cristã não se dá pela uniformidade de suas expressões, mas pela comunhão entre múltiplas vozes que anunciam, em seus próprios contextos, o mesmo Evangelho de Jesus Cristo (Walls, 1996, p. 53). Como enfatiza Schreiter (1985, p. 32), a catolicidade da Igreja não deve ser entendida como padronização, mas como uma rede viva de comunidades que interpretam e vivem a fé de maneira contextualizada, em fidelidade às Escrituras e à ação do Espírito Santo.

Para que essa visão se realize, é necessário romper com estruturas que ainda privilegiam epistemologias eurocêntricas como normativas. O protagonismo teológico das igrejas africanas, incluindo a angolana, passa pelo reconhecimento de suas vozes como legítimas e pela criação de espaços de escuta mútua, onde o diálogo teológico seja construído horizontalmente. Como observa Bediako (1995, p. 229), “a contribuição da África para o cristianismo mundial não está apenas em números, mas na capacidade de pensar a fé de forma contextual e profunda”.

A Igreja em Angola, com sua rica interação entre o legado reformado e as tradições culturais africanas, está em posição privilegiada para desenvolver uma teologia que contribua para a compreensão global do cristianismo. Tal teologia, enraizada na vida do povo e aberta à escuta do Espírito, pode oferecer novos paradigmas para questões como reconciliação, espiritualidade comunitária, inculturação e justiça social — temas centrais na agenda teológica contemporânea.

Assim, a mundialidade do cristianismo não apenas descentraliza o eixo teológico tradicional, mas convida a Igreja angolana a assumir seu papel no concerto das igrejas globais. Sua missão inclui não apenas evangelizar, mas também teologizar a partir de sua realidade, iluminando o corpo de Cristo com sua voz própria, sua história e sua esperança.

Caminhos para uma Teologia Angolana Autêntica

A construção de uma teologia angolana autêntica exige um deslocamento epistemológico e pastoral que ultrapasse os modelos herdados da missão colonial e abrace a complexidade da realidade africana. Trata-se de uma tarefa teológica que busca não apenas responder aos desafios locais, mas também contribuir de maneira legítima para a teologia cristã mundial. Para isso, propõem-se quatro caminhos fundamentais que podem orientar esse processo de reconstrução teológica e eclesial.

O primeiro apontamento rumo a uma teologia autêntica no contexto angolano, cremos ser a descentralização teológica. A teologia africana, e particularmente a angolana, deve ser reconhecida como produtora legítima de saber teológico, e não apenas como receptora passiva de conceitos elaborados em centros teológicos euro-americanos. A descentralização teológica passa pela valorização das instituições teológicas africanas como espaços autônomos de reflexão e formação, capazes de pensar a fé a partir das questões, experiências e linguagens locais. Como defende Tiénou (1990, p. 87), "os africanos devem pensar sua própria fé em seus próprios termos, com base em suas realidades históricas e culturais".

O segundo apontamento rumo a essa teologia autêntica, deve ser buscar a valorização das teologias contextuais. A teologia angolana deve dialogar com os legados já consolidados de pensadores africanos que abriram caminhos para uma abordagem teológica enraizada na cultura e na experiência africana. Entre esses nomes destacam-se John Mbiti, que afirmou que "os africanos são religiosos por natureza" e defendeu o valor das cosmovisões tradicionais como ponto de partida para o entendimento cristão (Mbiti, 1971, p. 1), e Kwame Bediako, que mostrou que o cristianismo africano é profundamente teológico, ainda que expresso em formas distintas das tradições ocidentais (Bediako, 1995, p. 229). Valorizar essas teologias é reconhecer a diversidade como componente essencial da catolicidade cristã (Schreiter, 1985, p. 34).

O terceiro apontamento seria a revisão dos paradigmas missionários. É necessário revisar criticamente o modelo histórico de missão baseado na imposição cultural e doutrinária. Esse modelo, herdado do colonialismo, tratou a cultura africana como obstáculo e não como recurso teológico. A missão, hoje, deve ser entendida como um movimento de escuta, reciprocidade e respeito, no qual o outro é sujeito ativo do processo evangelizador. Como argumenta Sanneh (2003, p. 57), a missão não deve transportar culturas, mas traduzir o Evangelho em contextos específicos, acolhendo as categorias locais como mediações legítimas da fé.

A quarta e a última, que creio ser o outro passo para essa realidade, é a promoção de uma eclesiologia polifônica. A Igreja angolana é chamada a refletir a alma de seu povo em sua estrutura, liturgia e liderança. Isso implica promover uma eclesiologia polifônica, em que diversas vozes, expressões e práticas sejam reconhecidas como constitutivas da vida eclesial. A música tradicional, as línguas nativas, a dança, os

símbolos culturais e a oralidade são formas legítimas de culto e comunhão. Walls (1996, p. 54) ressalta que "o cristianismo se torna verdadeiramente universal ao tornar-se local em múltiplos contextos". Portanto, a liturgia eclesial deve ser espaço de encarnação da fé nas formas sensíveis e espirituais do povo angolano.

Esses quatro caminhos não são excludentes, mas interdependentes. Juntos, apontam para uma teologia angolana que seja fiel às Escrituras, enraizada na cultura local e aberta ao diálogo com a Igreja global. É por meio dessa síntese que se poderá construir uma teologia viva, profética e encarnada, capaz de expressar o Evangelho de forma integral na realidade angolana contemporânea.

A Sabedoria da Igreja Primitiva: Lições de Atos 15

O Concílio de Jerusalém, narrado em Atos 15, representa um dos momentos mais significativos da história da Igreja primitiva, especialmente no que se refere à relação entre fé e cultura. A questão em debate era profundamente cultural e teológica: os cristãos gentios deveriam ou não observar os preceitos da Lei mosaica, particularmente a circuncisão, para serem plenamente aceitos na comunidade cristã? A resposta dos apóstolos, guiados pelo discernimento comunitário e pela ação do Espírito Santo, foi clara: "pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não impor sobre vós maior encargo" (At 15, 28). Essa decisão rejeitou a imposição de um modelo cultural específico – o judaico – como condição para a salvação, e reconheceu que esta ocorre exclusivamente pela graça, mediante a fé (At 15, 11).

Essa atitude constitui um precedente teológico essencial para o debate contemporâneo sobre inculturação. Ao recusar submeter os cristãos de origem gentílica às exigências culturais judaicas, os apóstolos afirmaram que o Evangelho transcende qualquer cultura particular. Como observa Walls (1996, p. 7), "a Igreja primitiva reconheceu que o cristianismo não deveria ser cativo de uma única cultura, mas deveria ser traduzido e vivido em todos os contextos culturais". Dessa forma, o Concílio de Jerusalém não apenas preservou a unidade da fé, mas também inaugurou a possibilidade de uma pluralidade legítima de expressões cristãs.

Esse princípio continua válido nos esforços atuais de inculturação, especialmente em contextos pós-coloniais como o angolano, onde a fé cristã foi, por muito tempo, vinculada a formas e padrões herdados da missão europeia. A experiência de Atos 15 ensina que não se deve impor um "modelo cristão" culturalmente estrangeiro como condição para a vivência autêntica do Evangelho. Pelo contrário, o cristianismo floresce quando é capaz de se enraizar nas linguagens, símbolos e práticas das culturas locais, desde que haja fidelidade ao núcleo essencial da fé: Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

Para Bujo (1997, p. 52), esse gesto dos apóstolos revela "a capacidade da Igreja de reconhecer a ação de Deus em novas expressões culturais da fé, sem a necessidade de uniformização". Do mesmo modo, Bediako (1995, p. 233) argumenta que o verdadeiro

desafio não é preservar uma forma única de cristianismo, mas discernir como o mesmo Evangelho pode ser vivenciado de maneira autêntica em contextos culturais diversos. A decisão de Jerusalém, portanto, não foi apenas estratégica; foi profundamente teológica, estabelecendo um modelo de discernimento eclesial que continua a iluminar os debates contemporâneos sobre fé e cultura.

Em Angola, onde a religiosidade tradicional, a oralidade e o senso comunitário continuam a moldar a vida espiritual de muitos fiéis, a lição de Atos 15 aponta para a legitimidade e a necessidade de uma teologia encarnada. A inculturação, nesse sentido, não deve ser vista como concessão cultural, mas como fidelidade bíblica à lógica do Evangelho: uma fé que se faz carne em cada povo e história, sem perder sua universalidade.

Conclusão

O cristianismo em Angola encontra-se, hoje, diante de uma encruzilhada histórica e teológica: persistir na reprodução de modelos herdados do Ocidente ou trilhar um caminho de enraizamento local, no qual a fé cristã se encarne plenamente na vida, na linguagem e na cultura de seu povo. Esta não é uma escolha meramente estética ou litúrgica, mas uma questão de fidelidade ao Evangelho em sua dimensão encarnacional. A inculturação, nesse sentido, não é uma concessão cultural ou uma estratégia missionária, mas um imperativo teológico, pastoral e existencial que responde ao princípio bíblico de que "o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1, 14).

Como lembra Bujo (1997, p. 45), a revelação de Deus não se limita à Escritura, mas também se manifesta na história, nos povos e em suas culturas. Negar a possibilidade de uma teologia africana é, portanto, negar a presença operante do Espírito na diversidade dos povos. A teologia angolana precisa nascer do solo angolano, escutando seus clamores, reverenciando suas memórias e reinterpretando a fé cristã à partir dos seus próprios referenciais simbólicos. Como argumenta Bediako (1995, p. 234), a autenticidade do cristianismo africano não está na negação de sua herança ancestral, mas em sua capacidade de integrar essa herança à luz de Cristo.

A Igreja em Angola é chamada a tornar-se um espaço de reconciliação entre o Verbo eterno e as vozes ancestrais, entre a ortodoxia da fé e os ritmos da terra. Essa reconciliação exige uma revisão crítica da história missionária, uma valorização das teologias contextuais africanas e uma prática eclesial polifônica, que reconheça a dignidade das expressões locais de espiritualidade, liderança e celebração (Walls, 1996, p. 54).

Nesse horizonte, o cristianismo deixará de ser vivido como uma sombra colonial e se tornará, verdadeiramente, uma presença encarnada – um reflexo vivo de Cristo que caminha com o povo angolano, fala sua língua, canta seus cânticos, celebra seus ritos e transforma sua história. Somente assim a Igreja angolana poderá participar

de forma plena e profética da comunhão católica da fé cristã, contribuindo com sua sabedoria, sua dor e sua esperança para a teologia do mundo inteiro.

Referências

BEDIAKO, Kwame. *Christianity in Africa*: the renewal of a non-western religion. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1995.

BEVANS, Stephen B. *Modelos de teologia contextual*. São Paulo: Paulinas, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. Atos dos Apóstolos 2,6; João 1,14.

BOSCH, David J. *Missão transformadora*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BUJO, Bénézet. *Introdução à teologia africana*. São Paulo: Loyola, 2004.

BUJO, Bénézet. *Foundations of an african ethic*: beyond the universal claims of western morality. Nairobi: Paulines Publications Africa, 1997.

FLORENTINO, João André. E Deus se fez carne na nossa cultura. *Identidade*, São Leopoldo, v. 27, n. 2, p. 233-245, jul./dez. 2023. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/Identidade/article/view/2261/1887. Acesso em: 03 abr. 2025.

JENKINS, Philip. *The next christendom: the coming of global christianity*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

MALDONADO-TORRES, Nelson. On the coloniality of being: contributions to the development of a concept. *Cultural Studies*, London, v. 21, n. 2-3, p. 240–270. 2007.

MBITI, John S. *Bible and theology in african christianity*. Nairobi: Oxford, 1986.

MBITI, John S. *Introduction to african religion*. London: Heinemann, 1971.

MUDIMBE, Valentin-Yves. *The invention of Africa*: gnosis, philosophy, and the order of knowledge. Bloomington: Indiana University Press, 1988.

NYAMITI, Charles. *Teologia e inculturação na África*. Kinshasa: CEPAS, 1994.

NYAMITI, Charles. *Studies in african christian theology*, 1: Christ as our ancestor: christology from an african perspective. Nairobi: CUEA Press, 2006.

SANNEH, Lamin. *Translating the message*: the missionary impact on culture. Maryknoll: Orbis Books, 1989.

SANNEH, Lamin. *Translating the message*. Maryknoll: Orbis, 2009.

SANNEH, Lamin. *Whose religion Is christianity?*: the Gospel beyond the west. Grand Rapids: Eerdmans, 2003.

SCHREITER, Robert J. *Constructing local theologies*. Maryknoll: Orbis Books, 1985.

TIÉNOU, Tite. The Theological Task of the Church in Africa. In: MUGABE, Henry (Ed.). *Issues in African Christian Theology*. Nairobi: East African Educational Publishers, 1990. p. 77–94.

WALLS, Andrew F. *The missionary movement in christian history*: studies in the transmission of faith. Maryknoll: Orbis Books, 1996.